

UM NAUFRÁGIO

DR. CEZAR ZILLIG

A embarcação já se encontra bastante adernada; os porões inundados deixam prever que o barco vai soçobrar em breve. Há que se abandonar o navio e logo. Não vai ser possível salvar muita coisa, mas o quê?

Foi o que senti ao ter que deixar a casa de meu pai logo após sua morte. De nós cinco, ele foi a derradeira razão para a casa continuar existindo. Primeiro foram os filhos que no decorrer dos anos abandonaram aquele barco, seguindo seus destinos. Minha mãe tinha ficado no último porto quatro anos atrás. Foi assim que de uma hora para outra me vi na incômoda contingência de ter que escolher rápido a parte que me cabia daquele despojo. Escolhi e trouxe alguma coisa sim, mas ficaram tantas preciosidades naquela casa que simplesmente desvaneceu. Teve que dar lugar a outros planos, outros projetos.

Quanto mais o tempo passa, mais aumenta a sensação de perda e o pouco que trouxe fica cada vez menor. É certo que trouxe a competente mala de ferramentas de meu pai e todas as que estavam mais visíveis. Muitas delas velhas conhecidas desde meus tempos de guri. Algumas são relíquias familiares que já figuraram em heranças anteriores. Ferramentas vetustas, sérias, que vieram com meu avô, com meu pai menino, da Suíça, no enorme baú de madeira em que minha vida toda esteve atrás da porta do paiol. Trouxe as ferramentas, mas não trouxe a venerável caixa. Era tosca e maltratada por cupins. Deve ter ido direto para o fogo; só aqui comigo ela teria valor, muito valor.

Experimento uma espécie de remorso ao lembrar que a ignorei. Remorso que se estende a tantos outros objetos que sempre orbitaram em meu universo e que não salvei – mas poderia – daquele naufrágio. Em especial, me ressinto de um rastelo, uma das primeiras ferramentas a que me couberam ao ter idade para colaborar nos serviços no jardim, no quintal. Era um rastelo diferente, de ferro fundido e um cabo longo que permitia amplos lances para coar o mato carpido de dentro daquela maçaroca que ficava no rastro da enxada. Além de comprido, o cabo tinha a pátina deixada pelo uso de tantos anos e de tantos membros da família. É certo que hoje eu não teria utilidade para ele; aposentado, sua função seria mais nobre, heráldica, simbolizando aqueles dias, aquela casa, aquelas pessoas. Infelizmente eu o preteri ao abandonar aquele barco que desaparecia.

E a oficina? Por que não trouxera a sua bem montada oficina, resultado de uma vida de aquisições? Prenhe de recursos, desde criança me acostumara a ela recorrer. Deveria ter alugado um caminhão, trazido a oficina toda,

com suas bancadas, suas prateleiras, dezenas de vidros com milhares de parafusos, arruelas, porcas, de todos os tamanhos. Mas não! Não tive esta ideia. Estava meio entorpecido, decerto. Meu pai sempre teve cuidado com suas coisas, de algumas um verdadeiro ciúme. Sabia direitinho onde estava cada ferramenta, cada material, no meio daquela confusão aparente. Anos e anos de guardados estavam ali para quando se precisasse...

E de uma hora para outra todas aquelas coisas que lhe eram tão caras viraram espólio. Tudo estava ali aguardando o destino que lhe dariam, que eu lhe daria. Havia ferramentas, instrumentos mais delicados que demorei a ter acesso e mesmo assim sob sua vigilância. O paquímetro, por exemplo; certas facas especiais para cortar couros, vazadores, cinzéis etc.

Alguns objetos de que me ressinto ter ignorado eram pequenos, mínimos, no fundo de gavetas sempiternas. Gavetas que hoje só existem em minha lembrança, intactas, conservando os mesmos odores. Continuam como eram, abrindo leve algumas, emperrando outras.

Por outro lado, fico feliz com o que trouxe: o velho saca-rolhas, por exemplo. Embora tenha melhores, mais eficientes, este adiciona uma pitada de tradição, de memória, às tertúlias. Assegura-me estar em casa.

Hoje me pergunto: por que não planejara aquela retirada para não ter que tomar decisões tão sentimentais com tanta urgência? Afinal, era fácil atinar com o fim próximo, tão certo como um barco rumando arrecifes.

Além da idade, oitenta e oito anos, os sinais de declínio, de ocaso, eram muitos. Felizmente conservou sua memória, a razão, até o fim. Felizmente. **■**



“Snow Storm - Steam-Boat off a Harbour's Mouth”, 1842, inglês William Turner (1775-1851).